



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

Editorial

O assunto mais badalado em Fão prende-se actualmente com a distribuição da correspondência. O António Viana foi-se embora (leia-se: aposentou-se) e agora as coisas não têm corrido lá muito bem. Só para amostra: Já são duas as vezes que um jornal, «A Voz do Minho», que nos vem destinado, vai para casa de um familiar nosso que se chama Américo e não Armando e que mora na Rua Serpa Pinto e não na Rua de Cima. Em compensação, foi colocado na nossa caixa do correio um postal procedente da Bélgica que se destinava a uma locatária de R. de Cruz. Na semana passada, o grosso de correspondência destinada a «O Novo Fanguero» ficou em casa de um vizinho. Como atrás dissemos, isto é uma amostra. Como será o «Armazém»?

Já o afirmámos e hoje voltamos a dizê-lo: o novo carteiro devia ter estagiado com o ex-funcionário António Viana. Ao contrário, o

carteiro que veio substituir este, já mudou de sítio, pelo que o novo não teve o tempo de aquecer o lugar.

Em nosso entender, o carteiro de Fão, e quem diz Fão, diz Apúlia, Marinhas, devia ser um homem da terra e isto por duas razões: a primeira prende-se com o conhecimento que um habitante de uma terra tem do seu meio. A segunda diz

O CASO DO CARTEIRO

respeito a uma certa filosofia de emprego: as repartições de uma terra, em alguns casos, deveriam utilizar gente dessa mesma localidade. Por isso se afirma e é pacífico que quantas mais repartições do Estado ou empresas públicos ou particulares possui uma zona, maior será o benefício que a sua existência proporciona aos habitantes locais. Neste caso acontece até que não se requerem habilitações específicas: basta saber ler e estar minimamente atento áquilo que se executa.

HOMENAGEM AO XICO GLÓRIA

O nome do Xico Glória ainda marca pontos em todos aqueles que foram seus coetâneos. E assim, não foi surpresa nenhuma o êxito que teve a festa levada a cabo no dia 15 de Janeiro em sua honra, realizada no Fôjo. Quem diz Fôjo diz Sérgio. Foi de facto o Sérgio quem tomou a iniciativa, foi o Sérgio quem fez os convites, foi o Sérgio quem fez a festa, isto é, foi o Sérgio quem a realizou, aliás com muita inteligência, e se integrou nela.

A princípio parecia que a homenagem ia ser um fiasco. Parecia, frisamos, mas logo que vimos a casa cheia tal hipótese ficou já em dúvida. Com efeito, os convites tiveram a aceitação devida e só o facto de a casa encher já constituiu um êxito. Mas depois de actuar um conjunto, mais a mais com um dos rapazes a fumar

em plena exibição, dissemos cá para nós: «isto não var dar nada». Mas o Albano, o vocalista, teve o mérito de cantar bem canções populares. Albano está a ficar um profissional, a voz ao microfone rendeu maravilhosamente, ele sente-se seguro e sabe «alimentar» adequadamente o público. Depois ele, espontaneamente ou por indicação do Sérgio, «entregou» o espectáculo a três outros artistas, que o são de facto, a saber: Armando Solinho, Barbosa e o próprio Sérgio, munidos dos respectivos instrumentos: violas e violão.

E então a festa fanguero começou aí, mas, repetimos, o conjunto, integrado do Albano, teve actuação muito meritória. Dizemos festa fanguero, e dizemos bem, mas também poderíamos chamar-lhe festa espontânea ou à americana. É que ninguém estava convidado para falar mas

acabaram por falar mais de dez pessoas. Pareceu-nos, sabem o quê?, um daqueles espectáculos com que os Estados Unidos costumam homenagear os seus ídolos do cinema. Os discursos saíam fluentes, evocativos, sem grandes delongas. Ninguém tinha sido convidado para falar. O Sérgio fazia apelos directos do palco e os visados, raramente disseram «não». O primeiro orador foi o Marcos Reis que teve uma intervenção vibrante, glorificando a memória de Francisco Costa. Cantou ainda alguns fados com uma majestade gaguejante ou tremidinha que nele é inconfundível. Depois foi de novo o Sérgio que exaltou a figura «de meu pai» e evocou outros vultos de Fão já desaparecidos, tanto das classes «altas» como das classes «baixas». Cantou

(Continua na pág. 3)

HISTÓRIAS DE EMBALAR

Por ALTIRO ALMEIDA MARQUES

ERA uma vez uma raposa, muito má e esfomeada, que comia todos os bichinhos incautos que povoavam o bosque.

Normalmente, as suas vítimas eram animais pequeninos, pardais implumes caídos do ninho e coelhos atrevidos, em má hora saídos da toca. Todavia, de quando em vez, a Dona Raposa mazona aventurava-se a transformar em refeição bichos maiores.

Certo dia, andava a Dona Ursa a passear o seu filhote reboludo, numa clareira do bosque. Entretanto, a Doña Raposa, manhosa, seguia com cuidado os movimentos da ursa e do filhinho, à procura de uma oportunidade...

Alturas tantas, a Dona Ursa ergueu o focinho, para alcançar os doces bagos de um arbusto e a raposa aproveitou aquele momento de distração e zás!..., agarrou o ursinho, arrastando-o para o meio do mato.

A Dona Ursa, como mãe estremosa que era, em breve deu pela falta do filhote e, toda aflita, apressou-se a procurá-lo, encontrando a raposa com a boca na botija, ou seja, levando o ursinho em direcção ao seu covil, preso pelo cachaço. Furiosa, a mamã urso correu sobre a raposa, que apenas teve tempo de largar a presa e fugir em direcção à sua toca, que ficava à beira de um penedo, junto ao rio. A ursa correu, correu e, mercê das suas grandes patas, quase alcançou a Dona Raposa, que já deitava a língua de fora, esbaforida...

A raposa conseguiu finalmente entrar no covil, porém a ursa ainda teve tempo de lhe agarrar o rabo com os dentes. Dona Ursa, puxou, puxou, raivosamente e a raposa valeu-lhe a raiz de uma árvore, onde se fixou conforme pôde, tendo entretanto o rabo esticado de tal forma, que viu as estrelas ao meio dia... E a Dona Raposa ganhou medo à ursa, que esteve três dias e três noites na toca, sem coragem de sair. Valeu-lhe um pardal que tinha ao canto da dispensa, à espera de piores dias...

Finalmente, Dona Raposa deixou a toca, pé, ante pé, ainda receosa da mamã do ursinho reboludo. Ao sair, depa-rou com uma pèga e um gaio, que estavam entretidos, à conversa, num galho dum sobreiro. Os passarocos, ao verem-na, logo notaram o tamanho anormal do seu rabo, alongado pelos dentes da ursa. E começaram então a gritar, em ar de troça: — Olha a raposa «Rabo Comprido»!..., olha a raposa «Rabo Comprido»!...

E por este nome ficou a ser conhecida a raposa, todos os animaizinhos do bosque, vítima do seu atrevimento e maldade...

NAS RUAS DE FÃO

Lá foram um a um deixando marcas
E em Fão apenas restam os sinais
Lá foram um a um deixando marcas
De quem não volta mais.

Nas ruas de Fão
Nada tem mudado.
Uns vêm outros vão,
Nas ruas de Fão
O tempo está parado,
Nas ruas de Fão
Há fome e há pão.
Novembro os «FIÉIS»
Dezembro «NATAL»
Janeiro «a LAMPREIA»
Fevereiro «INVERNIA»
P'rá cama sem ceia,
Barriga vazia.
Março «INCERTEZA»
Abril «ENGANADOR»
Maio «P'LAS PORTAS»
Mas em Junho vem «VERÃO»
Há sol e calor
Nas ruas de Fão.

Vai apagando o tempo
A marca dos invernos
Semanas a fio
O valor do pão
Empunhando os remos
No mar e no rio
Outono e Inverno
Primavera e Verão
Fizeram diferentes
As ruas de Fão.

Lá foram um a um deixando marcas
E em Fão apenas restam os sinais
Lá foram um a um deixando marcas
De quem não volta mais.

E a ronca noite e dia sem parar
A castigar a alma e a visão
Os pinheiros e os telhados a pingar
Faziam mais tristes
As ruas de Fão.

As malgas de MIGAS
Ao pequeno almoço
Batatas cozidas
Com água do poço
Sardinhas salgadas
E pãozinho d'aldeia
À luz do petróleo
Faziam a ceia.

E o caldo do asilo
Que sabor ficou!
Os carros de oferendas.
Deixavam ofertas
As ruas cobertas
De mato e pinheiros
Os cestos de milho,
Batatas, feijão,
Faziam felizes
As ruas de Fão.

Lá foram um a um deixando marcas
E em Fão apenas restam os sinais
Lá foram um a um deixando marcas
De quem não volta mais.

Subindo pinheiros
Sangrando dos pulsos
Ums centos de pinhas
Cigarros avulsos
Umas MALGAS tinto
Azeitonas e pão
Fizeram mais duras
As ruas de Fão.

À lenha nas quintas
E aos ganos caídos
Está no Brasil
O filho mais querido
Vem p'ró mês que vem
Já se fala em Fão
Vem p'ra ver a Mãe
E aproveita o Verão.

Anda embarcado
E vem com saudades
Das ruas de Fão.

Lá foram um a um deixando marcas
E em Fão apenas restam os sinais
Lá foram um a um deixando marcas
De quem não volta mais.

Fazia brasas... a lenha
Da marca das marés aparecia
E as panelas sem testo e sem asas
Chamuscados da FAGULHA hume-
decida.
E das chaminés.
Da ceia
Ou da fornada,
Safa fumo
Com o rumo que o vento dava.
Mas sem cheiro ou poluição
Como eram lindas
As ruas de Fão...

Fão, Praia! Glórias do passado
Pensão d'Albina
Quanta alegria!
Alminhas do Cais,
Por Fé e Devoção,
Noite e dia,
Uma vela, uma esmolinha
E de quem vinha a Fão
De passagem ou de promessa.
Passavam elas
de gamela à cabeça
Apressadas e às vezes sem rodilha
Apregoando o peixe do mar de Fão
E batendo à filha
Tantas vezes sem razão
fazendo contas, ao que vão
Buscar p'rá ceia.
E pela aldeia
Vinham os cães ao portão.
Anzóis iscados,
Tascos cheios, discussão,
deram mais valor
Às ruas de Fão.

Lá foram um a um deixando marcas
E em Fão apenas restam os sinais
Lá foram um a um deixando marcas
De quem não volta mais.

Subindo o rio de convés embandeirado
Adorna o barco ao sair a Procissão.
Barca do Lago
E ao entardecer encharcado
Na hora de regresso a Fão
Chegou tarde a casa
bateu na mulher
«Botou» fora os filhos
Por tanto beber
Armou zaragatas.
Caía no chão,
Andava de gatas
Nas ruas de Fão...

Lá foram um a um deixando marcas
E em Fão apenas restam os sinais
Lá foram um a um deixando marcas
De quem não volta mais...

SÉRGIO

BOAS FESTAS

Tiveram também a amabilidade de nos desejar Boas Festas os srs.: Prof. Doutor Cândido Hipólito Reis, Dr.ª Rosália Teixeira, Café Friends, Dr.ª Maria Rosa Portela, dr.ª Maria Celeste Portela, António Sá Pereira, Fernanda Lima Marques e Eng. Abílio Carvalho.

A todos o nosso obrigado.

HOMENAGEM AO XICO GLÓRIA

(Continuado da pág. 1)

algumas das mornas cujas letras e música são da sua exclusiva lavra. Um verdadeiro artista este tipo!... Tem a quem sair.

Declamou em seguida um poema da sua autoria, poema que nós ousamos publicar em separado. Quem estiver bem por dentro de Fão, entende perfeitamente os seus versos onde se evocam os tempos de fome, caracteriza os meses em função da terra, alude aos cortejos de oferendas a favor do Hospital. E mais: naquele poema ela faz referências aos tempos em que o prezigo eram sardinhas, e o pequeno almoço, a malga de migas, evoca os que, a trabalhar longe, «vêm ver a mãe»; alude aos que já «lá foram um a um deixando marcas»; revive ainda as peixeiras apressadas «e às vezes sem rodilhas apregoando o peixe do mar de Fão»; finalmente evoca aquela cena triste de quem «chegando tarde a casa, bateu na mulher, «botou» fora os filhos por tanto beber». Poema dum extremo realismo mas sem prejuízo da estética inerente à poesia.

E entre fangueiros e evocações do Xico Glória foi decorrendo a festa. O Marcos, outra vez, afirmou que o Xico marcou um tempo. O Chefe, perdão, o Belmiro Viana, lembrou que ainda jogou a bola no tempo do Costa e que este lhe ensinou o ABC do jogo. «Nesse tempo a Dulce era a minha namorada». (Risos amarelos). «Nessa altura, nós, jogadores, pagávamos a camioneta». Falou a seguir o Quim Cochinha (não comas tanto, Joaquim...). Também jogou futebol no tempo em que o Xico já rebojava com dores no estômago. Outro convidado do Sérgio para falar: Mário Belo. Começaram ambos a aprender a tocar guitarra (o Mário) e violão (o Chico). O Hotel Ofir chamava-os constantemente para divertir os ingleses. E estes gostavam. O Ernesto Sacramento, nos ensaios das célebres «revistas», ensinou-lhes como se falava bem e como se cantava. Outra interveniente: Alzira Belo. Com voz larga e saudável recitou uma quadra da sua autoria. A seguir, Luís Cochinha (Moraes): «esta homenagem vai ficar na história». Uma frase do Sérgio: «Todos somos culpados do imobilismo de Fão». Agora, uma intervenção de um familiar: Né Pequeno. «O Xico era bom no futebol, era bom na música, na profissão. Era bom onde estivesse».

Mais música: Sérgio, Barbosa e Solinho comandam. O público adere e de que maneira! «Nós somos do tempo do vinho de cinco reis, somos os pátios antigos», «apanhar esse tesouro, a fagulha

d'oiro que nos dá o pão». Tudo cantava, tudo vivia o Fão antigo».

Mais intervenções: Dr. Armando sa-raiva. «O Xico, quando saía fora com o Vitória vinha ficar todos os domingos, à noite, em Fão. Era uma forma de amor à terra». O Miquelino de Esposende também esteve presente. Sem papas na língua afirmou que o Xico foi o melhor jogador que Fão já teve e no seu tempo era o melhor jogador do Vitória de Guimarães. Também aceitou o convite para falar o Luiz Viana que pôs tudo em pratos limpos ao afirmar que o Sérgio era o orgulho das irmãs. O Zé Artur, muito instado, também falou e confessou que só conheceu o Xico pelo muito que dele falavam. Não o conheceu directamente pois durante muito tempo viveu fora da terra. E a soprano Lulu Pereira também disse coisas bonitas acerca do Chico Glória.

Mais música do trio que teve boas ajudas: do Luís Cochinha (uma revelação, a sua voz), e da Dulce Maia que, como uma ênfase inigualável, com uma voz que sobe harmoniosa a escada melódica, entoou mais uma vez «oiçam a voz dos sinos, oiçam a voz de Deus». Armando Solinho, com a música do Cacilheiro, fez

PROGRAMA DE ANIMAÇÃO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ESPOSENDE



Hora do Conto

As sessões de leitura e do conto serão sempre na Sala do conto e na Secção Infantil.

Dia 10 de Fevereiro, quarta-feira, 10 horas, na Sala do Conto «Como se faz côr-de-laranja» de António Torrado.

Dia 24 de Fevereiro, quarta-feira, 10 horas, na Sala do Conto «A flor Azul» de Ilse Losa.

Cinema

Dia 5 de Fevereiro, sexta-feira, 10 horas — «A Pequena Sereia» de Walt Disney (79 minutos).

Dia 19 de Fevereiro, sexta-feira, 10 horas — «Festival Mickey» de Walt Disney (46 minutos).

Qualquer escola, infantário ou grupo com mais de 10 crianças terão que marcar previamente.

Sala de Exposições

«Dos olhos ao coração», exposição de fotografia de Expedito Ribeiro, integrada nas comemorações do Dia Nacional do Deficiente.

esquecer o José Viana. Armando Carneiro narrou várias ajudas recebidas da família dos Glórias e logo de seguida Luís Cochinha contou peripécias da caça vividas entre ele e o homenageado daquela noite. Carlos Palma Rios conheceu Francisco Costa em Guimarães e admirava-o, muito antes de ser seu genro. Óscar Viana apanhou uma grande coça do pai por causa do futebol e do Chico.

Ainda mais música. Um programa bem conseguido. Cantou-lse «Olha o Fão Praia», «Ó que tempos tão saudosos raparigas», «Ó estrelinha da noite» (Marco Reis) e, mais uma vez, «Ó Fão antigo».

E foi com esta chave d'oiro que terminou uma festa que vai restar na memória de todos que nela tomaram parte.

Oxalá outras se repitam para que o património cultural da nossa terra se perpetue de geração em geração.

ESTATUTOS DO HOSPITAL

COLIGIDOS POR

José Maria machado Vale

(Continuado do número anterior)

Artigo 7.º

«Além das enfermarias acima mencionadas haverá no Hospital salas, para se recolherem, e tractarem pessoas que o possam fazer à sua, pagando por isso diariamente quatrocentos e oitenta réis, ou aquilo que se ajustar, segundo a qualidade da molestia e da pessoa.»

Artigo 8.º

«O Hospital estará aberto e franco para quem o quizer visitar, todos os Domingos do anno, e além disso nos dias de grande gala, que são: o do Corpo de Deus; S. João de Deus; Sancta Isabel; e Pashoa da Ressurreição: em todos os mais dias não se permitir a entrada a ninguém; excepto quando algum conhecido bemfeitor o pretenda ver.»

3.ª PARTE

Estatutos das Eleições da Meza

Artigo 9.º

«A eleição da Meza do Hospital será feita no dia dous de Julho, pela Irmandade da Sancta Casa da Misericórdia, logo depois, e pela mesma forma porque é feita a da Meza da mesma Sancta Casa.»

Artigo 10.º

«Logo que a Meza da Sancta Casa houver tomado posse, a dará também à Meza do Hospital, tendo feito para isso os avisos necessários, quando algum dos Officiaes eleitops não se tenha achado presente no acto da eleição.»

(Continua no próximo número)

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICO que, por escritura de 2 de fevereiro de 1993, lavrada a fls. 63 e seguintes, do livro n.º 58-B, de «Escrituras diversas», deste Cartório, se encontra exarada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO, na qual MARIA DAISY MORAIS FÉLIX, divorciada, natural de São Paulo, Brasil, e residente na Rua do Ramalhão, da freguesia de Fão, deste concelho, DECLAROU:

Que é dona e legítima possuidora do seguinte prédio: Prédio rústico denominado «Campo de Bonte ou Bonde ou Campo da Marota», cultura, pinhal e eucaliptal, situado no lugar de Barral, da freguesia de Palmeira, deste concelho, descrito na Conservatória do Registo Predial deste mesmo concelho sob o número dois mil seiscentos e noventa e cinco, do livro B-sete, e aí registado a favor de João Francisco Pereira, casado, pela inscrição número mil cento e noventa e nove, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 1914 (anteriormente artigos 2720 e 2725), com o valor patrimonial de oitenta e sete mil seiscentos e setenta e dois escudos, e o atribuído de DUZENTOS MIL ESCUDOS.

Que, aquele João Francisco Pereira e mulher Rosa Amália da Silva, já falecidos, doaram, com reserva de usufruto, o indicado prédio, em comum, a Carlos Henrique de Oliveira e António Henrique de Oliveira, por escritura de oito de Junho de mil novecentos e sete, deste Cartório.

Que, aquele Carlos Henrique fez testamento cerrado em vinte e cinco de Novembro de mil novecentos e trinta e seis, e devidamente aprovado em dezassete

de Dezembro do mesmo ano, no qual fez vários legados, nomeadamente, o usufruto de todos os seus bens a sua mulher, Maria de campos Oliveira, já falecida, e com quem foi casado sob o regime da separação de bens, e instituiu herdeira do remanescente da sua herança, sua afilhada, Maria Júlia Ramalho, casada com António Viana de Vilas Boas e dele separada judicialmente de pessoas e bens, devidamente habilitada como herdeira por escritura de vinte e seis de Março de mil novecentos e cinquenta e dois, lavrada a folhas cinquenta e três, verso, do livro número quarenta e cinco-B, do então Notário deste Cartório, Antero dos Reis Gomes.

Que, por volta do ano de mil novecentos e cinquenta, o mencionado António Henrique de Oliveira vendeu a metade indivisa que possuía no indicado prédio a Carlos Barra Campos Reis, casado com Maria José Pilar Barra Reis, não conseguindo ela, justificante, localizar o respectivo título, apesar de todas as diligências que fez nesse sentido, estando assim impossibilitada de obter certidão do mesmo, base do registo que pretende fazer a seu favor.

Que, por escritura de vinte e seis de Março de mil novecentos e cinquenta e dois, lavrada a folhas cinquenta e cinco, do livro quarenta e cinco-B, do Notário deste Cartório, Antero dos Reis Gomes, este Carlos Barra Campos Reis e mulher, e Maria Júlia Ramalho procederam à divisão de coisa comum do indicado prédio, ficando o mesmo adjudicado na totalidade ao referido Carlos Barra Campos Reis.

Este, e sua mulher, por escritura de vinte e sete de Dezembro de mil novecentos e cinquenta e cinco, lavrada a folhas sessenta e nove, do livro de notas número sessenta, deste cartório, venderam o dito prédio a Alceu Gonçalves Félix, casado com Maria de Oliveira Moraes.

Que, posteriormente em vinte e seis de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e sete, faleceu aquela Maria de Oliveira Moraes, tendo o indicado prédio ficado a pertencer ao viúvo, por lhe ter sido adjudicado na partilha a que se procedeu em vinte e três de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e nove, lavrada a folhas oitenta e oito, verso, do livro de «Escrituras diversas», número cento e quarenta e dois-C, do Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Barcelos.

Que, por morte deste Alceu Gonçalves Félix, pai da Justificante, e no inventário obrigatório que correu seus termos no Tribunal Judicial desta Comarca, cuja partilha foi homologada por sentença de três de Novembro de mil novecentos e noventa e dois, com trânsito em julgado, foi aquele prédio adjudicado à justificante, Maria Daisy Moraes Félix, que é, assim, com exclusão de outrém a única dona e possuidora do indicado prédio.

Está conforme o original, na parte transcrita e certificada.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE, três de Fevereiro de mil novecentos e noventa e três.

A 1.ª Ajudante,

a) *Maria Emília da Silva Freitas Pereira Amorim*

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADQ, LDA. Rua do João Machado, 9-11/Apart. 376/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Sabem que a vossa página acaba de completar o 5.º ano de vida? Neste momento de comemoração, queremos agradecer a todos vós, pois sem a vossa presença, a vossa colaboração, a vossa leitura e o vosso interesse, a «Página Jovem» não teria sentido nem razão de ser. Vamos continuar, a caminho do 6.º ano?

NADA PARA ALÉM DA RAZÃO

A chuva caía, mansa e suave.
E a sua calma invadia-me,
Afundava-me, envolvia-me.
Mas tudo desapareceu,
Quando vi que a chuva
Me queimava.
E entendi então
Que eram as minhas lágrimas,
Que caíam sem eu saber
De onde, sem sentir,
Sem saber que eram minhas.
Talvez por uma vida incompreendida,
Por uma existência estranha.
Não sei.
O que é certo é que
Se escondeu de mim
Dentro de mim.
E eu tão mal me conheço
E compreendo,
Que só vi chuva.
Chuva igual à chuva de todos os dias.
E deixou de queimar.
Deixei de sentir
E juntei-me a esta
Indiferença e insensibilidade
Da humanidade,
Ao ponto de me desprezar
A mim mesma.
Será assim o fim da vida?
Espero que sim.
Pelo menos
Vejo todo o sofrimento acumulado
Partir de uma só vez.
e ir acumular-se
Nos corações
Daqueles que continuam vivos
E estão angustiados

Sem saber porquê.
Mas pensam que sabem.
E inventam explicações científicas
Para explicar
O que nunca conseguiram
Compreender
E nunca conseguirão:
A eles próprios.
É este o retrato da minha espécie.
Espécie que a tão alto aspirou
Que acabou por se afundar
No lodo da civilização
E acabou,
No desejo frenético de se conhecer
por se desconhecer a si mesma.
Sim, eu e a minha espécie
Chegámos ao fim da vida:
O racionalismo exacerbado,
Que em vez de nos poupar ao sofrimento
Nos inflige derrotas terríveis
Por pensarmos tanto
em vez de sentirmos.

★

Se me pedissem para explicar este poema, começaria por dizer que hoje em dia se sobrevaloriza a razão e o acto de pensar. Estamos todos demasiado ocupados a pensar em «algo mais importante» do que sentir.

E aqueles que sentem, estão melancólicos, tentam entender porquê. E acabam por cair no mesmo racionalismo frio e sem consequências.

É como se não reagíssemos. Como se hibernássemos, alheios de tudo e, sobretudo, do sofrimento que queremos afastar.

E se este é o fim da vida, o objectivo da existência, eu quero a angústia, eu quero viver! Não quero desprezar-me, ou não sentir a tristeza que é minha.

Numa só frase se explica toda a minha deambulação por esses becos da reflexão: viver é sentir!

MARTA MARIZ MENDES (17 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Numa prova oral de Literatura. O examinador pergunta ao aluno:

— Sabe dizer-me o que é uma obra póstuma?

O aluno, muito prontamente, responde:
— Obra póstuma é aquela que o autor escreve depois de ter morrido»...

★

Um matemático andava com muita tosse. Ante a insistência da família, resolveu ir ao médico.

Este começou a examiná-lo e, ao auscultá-lo, disse;

— Diga: trinta e três, três vezes.
O matemático, sem hesitar, diz prontamente:

— Noventa e nove.

★

Entre malucos, no manicómio. Um deles está a «ler» o jornal com este de pernas para o ar. Outro maluco repara e observa-lhe:

— Como é que estás a ler o jornal, com ele virado ao contrário?

Responde o maluco que tinha o jornal:
— Ora essa! Então não sabes que sou canhoto?

PAPEL BRANCO

Oh! papel branco
Que dás para escrever
Eu sempre que vou estudar
Tenho sempre que te ver

Oh! papel branco
Eu te vou escrever
Vê lá se adivinhas
O que vou aqui fazer

Oh! papel branco
Não tenhas pena de mim
Eu aqui vou desenhar
Um bonequinho a brilhar

Oh! papel branco
Tenho muito que te contar
Eu vou-te dizer
O que se vai aqui passar

Um papel branco faz falta
E não é só para aprender
Sem o papel branco
Não podemos viver

Eu uma vez desenhei
Uma flor num papel branco
O papel ganhou cor
E eu parecia rir tanto!

Papel branco, branquinho
Vou dar-te um passarinho.

ANA RUTE



Desenho de JOANA SILVIA (4 anos)

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE FÃO

EDITAL

CARLOS RODRIGUES PALMA RIO, Presidente da Assembleia de Freguesia de Fão, TORNA PÚBLICO, que, em sessão Ordinária de 30. 12.93, foi deliberado:

1.º — Aprovar por maioria com 3 abstenções o ORÇAMENTO da Junta de Freguesia de Fão para o ano de 1993;

2.º — Aprovar por maioria com 3 abstenções o PLANO DE ACTIVIDADES da Junta de Freguesia de Fão para o ano de 1993;

3.º — Aprovar por unanimidade a «ESTRUTURA e ORGANIZAÇÃO dos SERVIÇOS (QUADRO DE PESSOAL) da Junta de Freguesia de Fão;

4.º a) — Aprovar um VOTO DE LOUVOR ao SR. ANTÓNIO GOMES VIANA, pelos serviços prestados, como carteiro à população de Fão;

b) — Aprovar um VOTO DE LOUVOR E GRATIDÃO às Professoras D. Berta Pinto de Campos, D. Judite Pinto de campos e D. Maria José Borda Rodrigues, pelos serviços prestados na Educação e Ensino de tantos filhos desta terra;

c) — Aprovar um VOTO DE FELICITAÇÕES e PARABÉNS pelo centésimo aniversário da Sr.ª D. M.ª Mendes Gonçalves Didier «MIQUINHAS TURRA»;

d) — Aprovar um VOTO DE RECONHECIMENTO ao Sr. Artur Lopes da Costa, pelos programas difundidos na Rádio Esposende em prol de Fão, (Factos e Histórias de Fão).

Para constar se publica o presente EDITAL e outros de igual teor para afixação, nos lugares públicos do costume.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Carlos Rodrigues Palma Rio

ÓPTICA OLIVEIRA

Com um visual todo «in», foram inauguradas recentemente em Braga as remodeladas instalações da Óptica Oliveira - Aleixo Ferreira, Lda.

Foi utilizado o tom acastanhado, tanto no madeiramento como nas paredes, as montras adquiriram um maior espaço funcional, a perspectiva de profundidade no interior alongou-se, a iluminação e o «decor» apresentam-se sóbrios, em suma, uma nota de bom gosto cobre todo o estabelecimento que deste modo está pronto a confrontar-se com os congéneres europeus que por cá possam aparecer neste abrir de Portugal à Comunidade Europeia.

Aos seus proprietários, os nossos amigos Aleixo Ferreira e José Braga, assinantes e anunciantes desde a primeira hora de «O Novo Fangeiro», desejamos (e disso temos a certeza) que continuem a caminhar na senda do êxito.

NOVO ESTABELECIMENTO

Na rua Prior Gonçalo Viana, também conhecida por rua da Igreja, abriu um estabelecimento de mobília importada, no edifício onde se situava o banco (UB).

O seu proprietário é o Filipe Sá Pereira.

Neste momento, dia 7, já se estreou com a venda de uma cozinha. Para começar não é mau. Importante seria que os fangeiros se habituassem a comprar na terra. Só assim uma loja de mobílias se aguentará. E escusado será dizer que o progresso de uma terra está sintonizado com o progresso do seu comércio.

Para o audacioso «Filipe» desejamos muita sorte que o mesmo é dizer bons negócios.

FALECIMENTOS

— No mês de Janeiro faleceu, na Rua Serpa Pinto, Cândida Gonçalves Calafate com 81 anos de idade. Era também conhecida por Cândida do Coxo.

— No mês de Janeiro faleceu também em Pedras Rubras José da Silva Guimarães que foi 1.º cabo da Armada. Embora não residisse actualmente em Fão, vinha com frequência à nossa terra e nós habituámo-nos a ver o sr. Guimarães a passear sozinho pelas ruas de Fão sempre pronto a contar uma anedota a um interlocutor mais íntimo.

O seu corpo ficou depositado em jazigo de família, em Fão.

Muitas pessoas admiravam-se de não lhe terem sido prestadas honras militares pelos seus camaradas da Estação Radiogoniométrica, de Apúlia, organismo onde esteve sediado durante dezenas de anos.

No entanto, o Director daquela estação foi avisado da sua morte em tempo oportuno.

AGRADECIMENTO

A família de José da Silva Guimarães vem por este meio agradecer as inúmeras provas de consideração e amizade que lhe foram prestadas por ocasião da morte e do enterro do seu ente querido.

PAGARAM A ASSINATURA

1988/89/90/91/92 — Rogério Silva, Porto, 1000\$000. 1990/91/92 — Abel da Costa, Fão, 3000\$00; João Miguéis, Braga, 3000\$00; Paulino Martins Alves, Fão, 3000\$00; Joaquim Acácio da Rocha, Fão, 2250\$00; Manuel Gonçalves de Carvalho, Vigo, 5000\$00; Manuel Joaquim Cardoso de Sousa, Fão, 2250\$00; Belmiro Gonçalves Ferreira, Fão, 2250\$00. 1990/91/92/93 — António Ferreira Gones da Silva, Fão, 3000\$00. 1990/91 — D. M.ª Manuela Mendanha Cruzinho Soares, Lx, 2000\$00. 1991 — António Cândido Bandeira dos Santos, Almada, 1000\$00; Reinor Sá Pereira, Fão, 1000\$00; D. Maria Augusta Gonçalves Moledo, Fão, 750\$00. 1991/92 — Horácio Miguel Pereira, Fão, 1500\$00; Eng.º Joaquim António Silva Pinto, Porto, 2000\$00; Miguel da Silva Ferreira Pereira, Fão. 1991/1992/1993 — João Manuel M. Figueiredo, Fão, 3250\$00. 1992 — Sérgio Grilo, Fonteboa, 750\$00; Dr.ª Rosália Graciete F. Teixeira, Porto, 6000\$00; Cândido Lavandeira do Monte, Fão, 750\$00; Manuel Pedro Guedes Viana, Fão, 750\$00; Fernando Pedras, Fão, 750\$00; Joaquim Real Morais, 1000\$00; João Eduardo Pinto da Costa, Porto, 750\$00; Artur dos Santos Ferreira, Gandra, 1500\$00;manuel Gaifém Carreira, França, 1000\$00; Angélico do Vale Miranda, Fão, 750\$00; D. Maria Orlanda Lacerda Viana, Fão, 750\$00; João Filipe Costa dos Santos, Palmeira, 750\$00; António Carlos Graça Peixoto, Guimarães; José António da Cunha G. de Sá, Gaia, 1000\$00; 1992 — Eng. Pedro Manuel Carvalho de Matos, Oeiras, 1000\$00; Aniceto Vieira Martins, Porto, 1000\$00; 1992 — Fernando Jorge Lima Marques, Braga, 1000\$00; José António Capitão Machado, Fão, 1000\$00; Manuel Ramos Morgado, Fão, 1000\$00; Rufino Soares, Fão, 1000\$00; D. Maria Ribeiro Fernandes Branco, Fão, 750\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 1000\$00; José Manuel Silva Carvalho, Porto, 1000\$00; Joaquim Oliveira Lima e Costa, Póvoa de Varzim, 750\$00; Ernesto Gonçalves da Silva, Fão, 750\$00; D. Maria da Conceição Faria Gomes Lopes, França, 1000\$00; Dr. Américo Henrique Seixas, Porto, 1000\$00. 1992/93 — António de Almeida Miquelino, Lisboa, 4000\$00; Eng.º José Cândido Mendanha Gonçalves, Braga, 2000\$00; Ernestino Alves Magalhães, Fão, 1500\$00. 1993 — Comandante Carlos Bacelar Pires, Braga, 1000\$00; Dr.ª M.ª Celeste Portela, Póvoa de Varzim, 800\$00; Carlos Maia, Fão, 1000\$00; Joaquim Marinho dos Santos Marques, Porto, 1000\$00; Manuel Gomes Soares, Fão, 1000\$00; Alberto Alves Sândos, Brasil, 1000\$00; José Albino Bandeira dos Santos, Fão, 750\$00; Artur Sobral, Fão, 1000\$00; Joaquim Ferreira da Silva, Fão, 1000\$00; Carlos Barra Reis, Fão, 750\$00; Pedro Graça, França, 1000\$00; Mário Ferreira, França, 1000\$00; Carlos Alberto P. dos Santos Ferreira, Estoril, 1000\$00; D. M.ª Arminha Maciel Vale Valentim, Fão, 2000\$00; Dr.ª Emília C. Carneiro, Porto, 1000\$00; Daniel Carlos, Fão, 750\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 1000\$00; Prof. António Jerónimo Dias B. Peixoto, Fão, 1000\$00; D. Margarida Maria Trindade Linhares, Fão, 750\$00; Domingos Araújo Ferreira, Fão, 1000\$00; Henrique Manuel Caseiro Faria, Fão; Vidrozende, Esposende, 1000\$00; Manuel Gomes de Sá, Braga, 1000\$00; D. Virgínia A. Carvalho, Matosinhos, 1000\$00; Cândido Gaifém da Costa, Matosinhos; José Ramos da Silva, Fão, 750\$00; Dr. Milton José de Sousa Pinho, Porto, 750\$00.

BELEMINO, O INÍCIO DE UMA HOMENAGEM

Há pessoas que para o serem têm que morrer. Só então os seus atributos vêm ao de cima. Está neste caso o esposendense Belemino André Ribeiro. O Rotary Club de Esposende, prestou-lhe a primeira homenagem, no dia 5 do corrente, evocando o seu nome, ressaltando-lhe a bossa artística, desvelando um cultor de arte que se envolveu continuamente no manto da humildade e da simplicidade.

O dr. Penteado Neiva falou dele e disse isso mesmo. Belemino foi um primoroso escultor de madeira e na gente artística «da alte» tinha os seus admiradores: António Correia de Oliveira, seu irmãos João Correia de Oliveira, Henrique Medina, Ferreira de Castro, Manuel Boaventura, que reconheceram em suma o seu mérito.

Desenhou também. E escreveu 180 trabalhos em prosa, enviando alguns deles para os jornais e mantendo outros junto a si e que por isso são inéditos à espera de uma oportunidade.

Belemino, hoje reconhecidamente um valor espera a justa homenagem em que Esposende se encontra em dívida.

DE APÚLIA

O ESPORÃO DAS PEDRINHAS — Continua a dar que falar o esporão da Praia das Pedrinhas. Os apulienses não se conformam, e de há muito que vêm pugnando pela sua destruição.

Ainda agora, em assembleia de freguesia, realizada nos últimos dias de Dezembro, foi criada uma Comissão de apulienses, para acompanhar e dinamizar a luta por essa causa. Em poucos dias, esses e outros apulienses, conseguiram muitas centenas de assinaturas para um abaixo assinado que será enviado a todos os Órgãos de soberania.

A SIC, televisão privada, esteve cá a recolher elementos, que mostrou ao país no programa «Praça Pública» do dia seguinte.

A Rádio de Esposende e alguns jornais, dedicaram parte do seu espaço noticioso e informativo ao assunto. Em poucos dias esses apulienses deram novamente vida a um assunto que parecia ter sido esquecido. No bom sentido, a agitação foi total, como total foi a solidariedade manifestada pela junta de freguesia e pelo senhor Presidente da Câmara, aos promotores desta nova e, todos pensamos, decisiva arrancada.

Duma coisa temos a certeza: é que estes homens não vão parar enquanto não virem «aquilo» destruído ou reduzido no seu tamanho. Há ali alma até Almeida, e de Almeida em diante, SEMPRE!...

LIMPEZA PÚBLICA — Em quase todas as ruas de Apúlia se nota pouco asseio na limpeza pública. De tudo um pouco se encontra espalhado nas mais movimentadas artérias da terra. Na estrada do campo de Futebol, e sobretudo junto a este, estão formadas autênticas lixeiras, que não atentam só contra o asseio e o bom nome de Apúlia, também já são um potencial perigo para a saúde pública. E

não se pode dizer que as Autoridades locais não estão atentas a esse pormenor, pois já por diversas vezes mandaram limpar essas lixeiras. Afinal, num trabalho inglório, pois no dia seguinte tudo começa de novo, e cada vez com lixo mais desagradável e poluente.

Até quando? — Será que as pessoas que fazem sistematicamente isso não compreendem que estão a atentar também contra a sua própria saúde e a dos seus?

Depois há também o aspecto deplorável que oferecemos a quem nos visita. É assim que pretendemos ser terra de turismo?...

NECROLOGIA — Vítima de acidente mortal, na fatídica Estrada Nacional, no lugar de Criad, faleceu a Senhora MARIA FERNANDES DE CASTRO BARROS, solteira, nascida em 16 de Abril de 1933.

Era filha de Daniel Francisco de Barros e de Ana Fernandes de Castro, também já falecidos.

A inditosa Senhora foi atropelada mortalmente no dia 27 do passado mês de Janeiro, quando circulava na estrada, naquele lugar, de onde era natural e residia.

A toda a família enlutada, em especial a seus irmãos, apresentamos os nossos sentidos pésames.

Passou em Janeiro o segundo aniversário da morte do Senhor Padre MANUEL ALBERTO GONÇALVES DA SILVA, durante mais de 30 anos Pároco de Apúlia.

Também se cumpriu em Janeiro o segundo aniversário da morte de MANUEL MACHADO TORRES, ceifado no melhor da sua vida.

ESTRADA DA MORTE — A Estrada Nacional 13 (agora IP1), no lugar de Criad, cada vez

é mais a estrada da morte, não obstante o seu bom piso e a sua excelente sinalização, o que poderá querer dizer que nem sempre a culpa terá sido dos automobilistas.

Ainda agora, como assim assinalámos, mais uma vida foi abruptamente ceifada. A conta, segundo os habitantes daquele lugar, já vai próxima dos 30! — É verdade, já ali deixaram a vida cerca de 30 pessoas, a grande maioria do referido lugar.

O mal não está na estrada nem na sua sinalização que, repetimos, são excelentes, mas talvez no descuido de quem conduz e de quem circula por ali.

ALCINDO DO VALE GONÇALVES — Este nosso conterrâneo e assinante deste jornal, encontra-se presentemente no Brasil a passar umas bem merecidas férias no verão daquele país, ultimamente tão em foco entre nós, por medidas que entristece a maioria dos portugueses.

Que tenha boas férias são os desejos deste jornal.

FUTEBOL — Último resultado da equipa sénior, vitória em Forjães por 1-0.

O Apúlia, que se encontra presentemente num honroso 5.º lugar, continua a fazer um bom campeonato. Ainda agora, num campo difícil de um bem apetrechado adversário, conseguiu a proeza de uma vitória e, pelo que se diz, justíssima.

O próximo jogo é em casa com o guia da prova e candidato número 1 à vitória no Campeonato, o Águias da Graça.

COUNTRY-BAR

Abriu este bar na rua de S. João. Bom gosto, sim senhor. No último número além de «comermos» uma letra ao nome do Bar, saiu Contry em lugar de Country, «comemos» também o nome de um sócio. Com efeiro, o Country-Bar pertence a dois jovens: Carlos Alberto de Sousa e Rui Alfredo Capitão Machado. Este último ficou no tinteiro.

Estamos consigo na «nova» Europa..

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

RUA DA MISERICÓRDIA, 4-6

BRAGA

GABINETE DE OPTOMETRIA E
CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Encerrada para obras de remodelação
reabriu uma nova e modelar casa de óptica



PARA A HISTÓRIA DE FÃO

Por FRANKLIN NUNES

REQUES-REQUES E MATRACAS DE FÃO

Sob o título «*Trambonelas de Fão*», publicou o Sr. Flávio Gonçalves no volume VIII — terceira série — deste BOLETIM uma curiosa e bem elaborada nota evocativa que, com a devida vênia, me permito alargar com o comentário que segue, depois de ter efectuado ousada digressão litúrgica para melhor localizar o uso dos modelos que tive a boa sorte de poder mandar reproduzir fielmente e que são o objectivo deste apontamento.

★

A Igreja da Misericórdia de Fão, airosa, acolhedora, fresca, de pequenas dimensões, que a iconoclasia néscia de responsáveis foi deturpando quanto à sua configuração interior, bem como na *bonitosa* encarnação, cheia de mau gosto, de algumas imagens tradicionalmente veneradas no seu primitivo colorido, ingénua compostura escultural e auréola gloriosa das suas benemerências milagrosas, — a Igreja mantém, felizmente, a traça exterior de aparente opulência na sua

cantaria bem conservada, no seu elegante ábaco sineiro, até, mesmo, no lamentável abandono de aparatoso exemplar sem utilidade, antes depósito de algumas belas imagens em seus asseados altares, que templo preferido de suave penitência e súplica esperançosa.

Fazia parte do conjunto arquitectónico a que também pertencia o antigo Hospital, chamado da Misericórdia, que a prolongava em direcção ao Largo do Cortinhal, com o seu corrido gradeamento de ferro e jardim mal cuidado, à frente, num agrupamento que la-deava e muito valorizava a chamada Avenida do Dr. Manuel Pais.

Transferido, mais tarde, para pomposo edifício próprio mandado construir pela filantropia dos naturais da terra no Lugar do Alto, junto da Estrada Nacional, e sob a invocação protectora de S. João de Deus, desapareceu o Hospital antigo para dar lugar a modernas residências particulares.

Conserva-se a Igreja diariamente aberta à devoção de dedicados crentes e transeuntes, limpa e vistosa na talha dourada da sua Capela-Mor de elegante arco redondo de cantaria lisa, mas não é nela exercido qual-

quer acto de culto, devido a razões que devem ser muito aceitáveis, mas que também não deixam de penalizar vivamente não só quem ainda recorda as sonelidades festivas do seu antigo calendário religioso, como, até, quem despreocupadamente passa e entra, apenas por curiosidade artística.

★

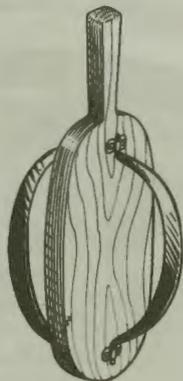
Em Quinta-feira Santa, era costume sair da Igreja da Misericórdia, pelas nove horas da noite, a Procissão de Endoenças, com o Senhor dos Passos. Ia à frente o guião-grande (cuja vara andava por oito metros de extensão) ostentando, pintados, os «martírios do Calvário» (cruz, cravos, martelo, lança, espon-



Igreja da Misericórdia e Hospital de S. João de Deus (antigo)

ja, coroa de espinhos, dados, um galo, etc.), seguido de vários painéis, também pintados com motivos religiosos diversos, vindo, depois, os estandartes, as Confrarias, com lanternas e archotes acesos, etc.

Ao lado do guião-grande desfraldado, logo à frente, seguia um rapaz que movimentava, durante todo o percurso, a *matraca* de madeira e arcos de ferro, propriedade da Confraria, com o aspecto da gravura junta.



Matraca

Dirigia-se esta procissão para a Matriz, onde um Pregador se fazia ouvir até à chegada duma segunda que saía da Misericórdia cerca de um quarta de hora depois da primeira, com o andor da Virgem-Mãe. À chegada desta à Matriz, iniciava o Pregador o Sermão do Encontro, no momento preciso em que o andor da Virgem dava entrada no templo, tristemente coberto de panos negros e fracamente iluminado. Era sempre empolgante este Sermão do Encontro, findo o qual, largava do templo, por um trajecto diferente, nova Procissão com os dois andores, em direcção à Igreja da Misericórdia, onde ficava o andor do Senhor dos Passos, continuando o restante cortejo religioso com o andor do Virgem-Mãe em direcção à Igreja Matriz, onde o Pregador, à sua chegada, dava começo ao Sermão do Calvário. Em todo este percurso, lá ia o rapaz da *matraca*, sempre a tocar, incansavelmente, soturnamente, até à porta da Matriz.

UM APELO

Já revelamos aqui neste jornal que um moço de Fão nos tem sido muito útil ao carrear para a nossa mesa de trabalho notas, apontamentos de que nos temos servido para esquiçarmos alguns perfis que em «O Novo Fangeiro» vimos publicando. Trata-se do jovem José Maria Machado Vale, ajudante de pedreiro, que no fim do seu emprego e aos fins de semana se dedica a vasculhar e a arquivar toda a espécie de documentos antigos que lhe passam pelas mãos. Já lhe chamámos rato de biblioteca e tal designação é mais que apropriada. Neste momento cremos que é o fangeiro que mais papéis antigos tem lido, quer sejam do Hospital, quer sejam da Junta. Por sorte sua e nossa, os responsáveis que superintendem nestes organismos tem-lhe facilitado a tarefa. Sobretudo permitindo que leve os livros para casa. A leitura dos mesmos é o seu passatempo favorito.

Este moço é um dos tais que só não estudou porque os pais não podiam. É um roubo que se faz à cultura. Quando os universitários deste país vêm contestando o preço das propinas, deveriam era inventariar aqueles miúdos que no Ensino Básico se revelaram promissores e que por falta de meios não puderam seguir os estudos. Mas eles, os ditos escolares, nada querem saber dos que não entraram nas escolas secundárias e nas universidades mas tão só das suas comodidades, eles que já frequentam um curso superior e que para as aulas se dirigem montados, muitos deles, em reluzentes «pópós».

O José Maria tem que ser ajudado. Ele não quer esmolas. Só a muito custo lhe conseguimos pagar um café. Ele quer um emprego compatível para prosseguir os estudos. Estamos a lembrar-nos — e isso já alguém nos alvitrou — que ele poderia ser o encarregado do centro Cultural de Fão. Era o texto para a panela certa.

Cremos que quer a Junta quer a Câmara não vão ficar insensíveis a este nosso apelo. O José Maria é já um homem que ama a história de Fão. Vamos propiciar-lhe estruturas para que possa ser um historiador a sério.



PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO ESPARGO

(Continuado do número anterior)

Esta tarefa deverá ser executada dez a doze dias antes de se proceder à sementeira. No Brasil é costume o enchimento parcial dos sulcos com uma mistura formada por estrume e terra fina de modo a constituir-se uma camada, com 3 cm de espessura, directamente sobre a qual se distribuem as sementes que ficam à distância de 3 cm umas das outras.

Na sementeira empregam-se em geral 300 a 500 gramas por cada 100 metros quadrados de viveiro. A deposição nos sulcos é feita de modo que as sementes fiquem entre si à distância aproximada de 3 cm. A melhor época para a execução desta tarefa depende em larga medida da temperatura ambiente, sendo o final do Inverno e a primeira metade da Primavera (Março a Maio) o período mais aconselhável do ano.

Para a ocorrência da germinação é necessário que a temperatura oscile entre 22° e 26° C. Se tal suceder, a semente germina decorridos 25 a 40 dias após ter sido colocada na terra. No entanto, independentemente da variedade, o tempo necessário para a germinação pode ser encurtado de alguns dias. Para isso, antes de serem dispostas no solo as sementes devem ser mergulhadas alguns dias em água a cerca de 30° C de temperatura.

Após a sementeira, cobre-se a semente com terriço, em camada com 2 cm de espessura. Vários horticultores simplificam o processo: após o nivelamento do canteiro efectuam a sementeira a lanço,

pouco densa, e cobrem simplesmente a semente com uma leve camada de terriço bem esmiuçado.

Verificada a emergência, deixam-se crescer livremente as plantinhas, praticando regas sempre que o solo se apresentar seco.

Quando atingirem a altura de 5 a 10 cm, conforme as regiões, efectua-se um desbaste de modo a deixá-las intervaladas de 10-15 cm em cada linha.

Em seguida, as plantinhas crescerão à vontade sem qualquer intervenção do horticultor. No fim do Outono, terão atingido altura que oscila entre 40 e 60 cm, o que dependerá do ritmo do desenvolvimento. Logo que sobrevêm os primeiros frios, ocorre a secagem dos 3-4 ramos que entretanto se desenvolveram. Procede-se, então, ao corte da parte área do vegetal.

7.2 Plantação

Entre os aspectos que assumem maior importância incluem-se a preparação e a armação adequadas do solo. Na verdade, trata-se de uma espécie exigente que impõe uma preparação cuidada e feita com apreciável antecipação. Assim, por exemplo, para se plantar em Fevereiro de 1987 haverá a conveniência em semear já no Outono de 1985 uma tremocilha, ou outra leguminosa, para enterrar em verde no mês de Abril de 1986. Na preparação deve ter-se em atenção que o espargo pode desenvolver raízes que chegam a atingir, por vezes, mais de um metro e tanto em profundidade como para os lados. Num dos métodos mais seguidos, logo no Outono, tem lugar a execução de uma lavoura ou cava funda — a 40-50 cm —, que é aproveitada para a incorporação de

estrume à razão de 50 a 60 toneladas por hectare e da adubação química à base dos três principais elementos essenciais para a nutrição das plantas: azoto, fósforo e potássio. Estas operações podem ser antecedidas por uma subsolagem no caso do solo se apresentar compactado em profundidade, não permitindo por isso a livre drenagem interna das águas. Em Janeiro ou Fevereiro do ano seguinte, realiza-se uma lavoura «de atalho» menos funda (cerca de 20 cm). Em algumas regiões produtoras é esta operação que se aproveita para a aplicação do estrume e dos adubos nas doses referidas quando se tratou das exigências da cultura. Cerca de um mês mais tarde, têm lugar algumas gradagens com o objectivo de destorroar e nivelar o terreno, tarefa que também pode ser realizada com a enxada.

Leñano aconselha a efectivação no Outono de todos os trabalhos de preparação da terra. O conceituado técnico espanhol descreve o procedimento seguinte, que considera como «clássico»: cava à enxada a 30-35 cm de profundidade, podendo aumentar-se para cerca de um metro, caso se torne necessário nos solos excessivamente compactos, por meio de uma subsolagem. A estrumação e a adubação química são aplicadas na Primavera aquando da abertura das valas.

Existem dois processos para a cultura do espargo: com a terra armada à rasa ou em montículos. No primeiro caso, adopta-se com frequência a marcação de grupos de quatro linhas de plantação distanciadas de 35-40 cm umas das outras.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2728 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 8 000 000 000\$000000 Reg. Com
Sítio n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

Cartas ao Director

Rio de Janeiro

Li no número de Agosto a reclamação muito justa do Belmiro Viana, e que tinha um título muito sugestivo:

**FANGUEIROS ONDE ESTAIS?
QUE É FEITO DE VÓS?**

Sem ter nada a ver com o assunto, eu lembrei-me de usá-lo para outros fins, e prosuindo uma relação dos fangueiros que localizei para a confraternização que realizamos em 1973, no Club Coringa, em Olaria, por ocasião da visita do meu primo Tino Glória e Laidinha, do Carlos Turra e senhora e do Padre Avelino, dispus-me a refazê-la agora e mostrar para todos quantos estão faltando daquela relação de 1973, 20 anos depois.

Por certo ela fará lembrar muitos Fangueiros e comparar como o tempo consome tudo e que a vida cria e desaparece.

Embora tenha bastantes falhas em virtude de não ter conhecimento do paradeiro de muitos, achei com isso atender também ao teu apelo em número anterior, onde pedias que todos os Fangueiros espalhados por nosso Planeta, actualizassem o seu endereço.

Com um abraço amigo do

Amândio Costa Caramalho



Relação dos Fangueiros residentes no Rio de Janeiro e no Brasil em 1972 e em 1992:

Amândio da Costa Caramalho, Av. Itaoca, 339; Artur Saraiva, R. Santa Cecília, 686; Julieta Torres, Av. Santa Cruz, 1207; António Gonçalves Herdeiro - Micas e Maria Fonseca Herdeiro Tuta, R. Conde Bonfim, 425/503; António Domingos Leal - Martinha, R. Filomena Nunes, 461-c/3; Álvaro Cardoso Monteiro, RR. Felisberto Freire, 700-c/17; Adriano Gonçalves Quintas, R. Marambaia, 85, D. Caxias; António Palmeira Graça, R. 20 de Abril, 8 apt.º 405; Amândio Ferreira Rodrigues, R. Felisberto Freire, 367 dos.; Álvaro Casanova e Júlia Dudão, R. Argemiro Bulcão, 54; Alexandre Ferreira Belo, R. Trez Corações, 297/02, Belo Horizonte; António Reis Graça, R. Coronel Francisco Soares, 660; Avelino Rei Graça, R. Teixeira Franco, 96; António Gomes Soares, R. dos Canudos, 192/201; António Gomes Azevedo e Tereza Morgado, R. João Silva, 238; António Pires Carneiro, R. Conde Bonfim, 20/502; António Rodrigues da Costa, R. Kiel, 501, Nilópolis; Alberto Alves Simões, R. Correia Dias, 393, V. Geral; Alicinia Cabral; Artur Sobral, Av. Ruy Barbosa, 636/806; Carlos Cardoso Salgado, R. Dr. Nunes, 1144; Custódio Gomes Penetra, R. Fernandes Cunha, 947, V. Geral; Cândido Teixeira e Carlos Amâncio, R. Apaporis, 286, Ilha; Carmina M. Monteiro - Neca D'Areia e Ascânio M. Monteiro, R. Aureliano Portugal, 165; Engrácia Reis Patrão; Edmundo Reis Graça, R. S. Luiz Gonzaga, 1429 c/9; Etelbina Gonçalves Azevedo - Bina Chita, R. Filomena Neunes, 381; Leda Coelho Vilas Boas, R. Marechal Jofre, 86 c/6, Apt.º, 102.

(Continua)

FÃO DE ANTIGAMENTE



Esta foto é da década de 40. Podem ver-se Júlio Sá Pereira (nem de propósito), Quim Cochinha, Zeca Barqueira, Xico Regina, o 20, Manuel Barbosa, o Ampos e Zeca Folheteira.

CLUBE FÃOZENSE

Tomaram posse, no dia 30 de janeiro, para os lugares em que foram eleitos em Agosto passado os seguintes membros:

Assembleia Geral — Prof. Mário Ramiro, Rafael Oliveira e Emílio Sá Pereira.

Conselho Fiscal — Dr. José Albino, Prof. Filipe Santos e dr. José Vinha Morais.

Direcção — António Agonia Pereira, José Lopes Lima, Gustavo Costa, António Ferreira da Silva, António Vieira e Manuel Solinho.

O saldo de gerência foi de esc. 185.693\$40.

PELO HOSPITAL

No dia 30 de Janeiro realizou-se uma Assembleia Geral Extraordinária da Santa Casa da Misericórdia com uma única ordem de trabalhos: Pedido de Autorização para Alienação de Bens.

Houve concordância total na aprovação do pedido. A Santa Casa tem prédios em Portugal, no Brasil e na Espanha, mas não foram especificados quaisquer propriedades a desafectar.

A receita obtida destina-se a efectuar melhoramentos no Lar e construir uma nova sala de operações.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 981475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boíte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

POUPEMOS AS CRIANÇAS!

Ruído de tiros ao longe. Uma rua estreita, sórdida. Corpos caídos, mutilados, em poças de sangue seco. Depois, tiros mais ao perto. Um garoto que foge é atingido. Um salto agónico e cai, em convulsões. Mais tiros. Uma mulher nova, desgredada, corre, apavorada, com uma criança ensanguentada nos braços e um grito mudo da boca entreaberta. Horror, horror, e mais horror.

Isto é apenas um exemplo do que nos pode mostrar um Telejornal das 20 horas. Nesse momento, um grande número de famílias está a jantar e tem a televisão ligada. Os adultos, para o noticiário e a telenovela; as crianças esperam, a seguir, o espaço infantil, com os Desenhos Animados e o «Vítinho».

E, enquanto esperam, vão olhando para o televisor, absorvendo as terríveis imagens que se apresentam aos seus olhos. Assim se vão habituando a ver a violência, o horror e a tragédia, que são apanágio deste mundo enlouquecido — e que são, também, o «prato forte» dos noticiários.

Desta maneira, a violência, o horror e a tragédia vão entrando no seu quotidiano, vão-se tornando algo de normal, de habitual, quando deveriam ser algo de repulsivo, de condenável.

Bem sabemos que, tirando as notícias de guerra e de aparatosos acidentes, etc., o Telejornal ficaria praticamente esvaziado. Mas não se poderia, a bem da integridade moral e psíquica das crianças, cortar as cenas mais cruentas e de maior horror nesse noticiário, e passá-las antes no das «24 Horas», quando os pequeninos já dormem há muito, nas suas caminhas?

Para que eles não tenham sonhos maus.

Para que eles não se habituem a gostar da violência.

Para que eles, no futuro, não sintam o desejo de empunhar uma daquelas armas e cuspir morte sobre alguém.

Para que eles possam ter o sono e os sonhos inocentes e tranquilos a que todas as crianças têm direito.

AINDA A CONSOADA ESPOSENDENSE NA CASA DO MINHO

Como o leitor se lembra, no último número, dedicámos uma quadra como réplica ao desafio que o António Miquelino havia feito aos fangueiros para uma desgarrada, no fim da dita ceia natalícia.

Nós ousámos fazer uma quadra mas já com as costas forradas, quer dizer, o repentismo cedeu lugar à mesa de um café. Portanto... nas calmas.

Não demorou a resposta: o nosso amigo Miquelino ripostou.

Vejamos:

Eu gostei da tua quadra,
Ó Armando, Xico Esperto.
Só lamento cão que ladra
Fora do momento certo.

A honra de um fangueiro não podia sair assim tão miserabilizada. Vai daí saiu a contra-resposta:

Neste mundo inteligente
Muito brilha o Miquelino.
Diz trovas, sente-se gente:
Será ele o Chico Fino?

ANIVERSÁRIO DO ROTARY CLUBE DE ESPOSENDE

Sexta-feira, dia 26 de Janeiro, esteve em festa o Clube Rotário, de Esposende. Fazia 15 anos que fôra fundado, apadrinhado pelo Clube de Barcelos. Foram 15 anos de sã companheirismo e serviços à Comunidade que ali foram lembrados. Quando da sua fundação muitas vozes aziagas davam-lhe poucos meses de vida. Enganaram-se todos aqueles que assim pensaram, pois o Clube respira vida e entusiasmo, como focaram os Presidentes dos Clubes vizinhos de Barcelos, Viana e Póvoa de Varzim que se fizeram representar em grande número, e ainda o Governador indicado para 93-94, e a melhor prova dessa vitalidade foi a imposição do emblema rotário ao novo companheiro Dr. Manuel Neiva.

Também o Presidente da Câmara hourou com a sua presença e de sua esposa, este aniversário, congratulando-se na sua alocação com aquilo que o Clube tem feito para bem desta Comunidade Esposendense e desejando as maiores felicidades ao Clube e ao seu dinâmico Presidente Cândido Lamas.

A reunião terminou com uma brilhante actuação da Ronda de Vila chã.



Pouco falta para unir a nova ponte sobre o Cávado. Poucos metros como a fotografia deixa antever

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO